



Margareth da Silva Pereira *

Conglomerado resenha do livro 'Elogio aos Errantes'

AUTORA: Paola Berenstein Jacques.

Salvador: EDUFBA, 2012

As iniciativas de Paola Berenstein Jacques nas últimas décadas não são fáceis de serem identificadas com um campo específico e menos ainda, resumidas ou comentadas. Talvez mais difícil, ainda, é falar de seus livros ou circunscrever os temas que tratam. Trajetória, pensamento ou ação da autora vão se somando e se demarcando pelo avesso: polêmicos, provocativos, contraditórios. Às vezes, afirmativos, às vezes dubitativos: eles são potentes, frágeis, contingentes e, decididamente, ensaísticos-erráticos.

A captura que Berenstein Jacques faz da vida social e devolve aos seus leitores vêm se acumulando em livros de títulos curtos - *Estética da ginga* (2001), *Apologia da deriva* (2003), *Corpos e cenários urbanos* (2006) e agora este *Elogio aos errantes* (2012), mas que cobrem diferentes questões e mobilizam a reflexão de tantos outros diferentes artistas, filósofos, *performers*, dançarinos, literatos, sociólogos, geógrafos. Contudo, visto retrospectivamente, o trabalho de Berenstein Jacques constitui certas trilhas – que como

* arquiteta, historiadora, coordenadora do grupo de pesquisa LEU – PROURB/UFRJ

múltiplos fios ora soltos, ora entrelaçados – permitem ler suas posições.

Três pequenos nós podem ser identificados nas sendas que com seus fios vão sendo abertas, abandonadas, associadas, retomadas. Isto é, nas errâncias da própria autora. Melhor seria nem falar em sendas – o que é já de saída um paradoxo, em se tratando de uma autora que tanto se interessa por caminhos, deslocamentos, percursos – mas das configurações que várias nebulosas de ideias vão formando em cada livro, em cada ação ou página: se desmanchando e se recompondo sob novas formações mais densas, mais aéreas ou como meros resíduos e linhas de condensações.

Primeiramente, pode ser dizer que pensadores e temas vêm sendo chamados a cada livro para amplificar, amparar ou aplacar a vertigem cega da razão e dos afetos que a autora identifica nas práticas urbanísticas; no que considera o legado moderno ou nas formas hegemônicas de subjetivação da experiência contemporânea da cidade.

É certo que neste último ponto de sua própria reflexão – que tão francamente declara abraçar a observação das ações especificamente situadas – o fio se rompe em duas partes. Por um lado, permanecem os fragmentos das reflexões teóricas menos importantes de diversos autores, que apenas para dar um exemplo, manifestam sua dívida com um certo idealismo. Aqui, além de Baudrillard e de trechos do próprio Debord, pode-se citar Agamben, que insistem em falar em um estado de “anestesiamento”, no “depauperamento” da experiência ou de sua própria “expropriação” nas formas de vida coletiva. Por outro lado, e é isso que conta, se impõem os próprios artistas e escritores que a autora elege – Baudelaire, Benjamim, Aragon e os surrealistas, Flávio de Carvalho, a Tropicália, Oitica... Estes com Didi-Huberman, contestam essa posição afirmando que a própria ideia de

experiência é indestrutível, e se, eventualmente, evanesce sua visibilidade, ela não perde nunca sua potência. A experiência resiste como em um momento de “luz” ou “clarão”, um momento de “graça” ou de “benção”, enfim como uma “epifania” profana que se alcança a partir de uma frequência intensa das incertezas e ao tornar a atopia quase um modo de vida.

O leitor poderá ir marcando, ele próprio, os termos que cada um emprega para falar da revelação desta força, “frágil e fugaz” no dizer de Didi-Huberman – mas que o confronta com a certeza efêmera daquilo que se faz. O que de resto, parece justamente transpassar muitos gestos da própria autora.

Assim, é este o segundo nó que quase se enleia no primeiro e forma uma nuvem mais compacta de questões que habitam a autora. Isto é, o elogio que esta certeza contingente pode ser compartilhada – não como um rumo, sequer como um vetor como desejavam Deleuze e Guattari, apoiando-se em Boulez em um discurso ainda próprio nos anos 1980 quando lutavam, ao seu modo, para filosoficamente tornar a filosofia mais encarnada. Esse compartilhamento talvez seja, simplesmente, o de uma forma de atitude entre especulativa e assombrada e, que na relatividade de vivências que o sentimento do mundo procura, promove ou sufoca, possibilita um instante de unificação – de transsubjetividade e de alguma acalmia, quiçá de alguma possibilidade de ação comum.

Daí as formas de resistência cotidianas em diferentes suportes, situações e temporalidades históricas que a autora observa ou insiste em lembrar. O foco do seu trabalho é esse sentimento do mundo feito corpo – que chamamos experiência – no que ele é e designa como seu em cada gesto ou ação, em uma contínua, e o mais das vezes imperceptível, operação que mistura insurgências, críticas à manipulação, cumplicidades, ajuizamentos –

não necessariamente nesta ordem no emaranhado dos ruídos, resíduos, ruínas em torno do qual cada qual se move e se constitui fragilmente.

Para aqueles que acompanham os “deslocamentos” intelectuais da autora, é como se progressivamente já se anunciasse o tema deste seu último livro há muito tempo. Contudo, pode-se dizer também que, de livro em livro, Berenstein Jacques parece vir realizando o movimento de uma grande espiral, deslocando-se para voltar a um ponto que sendo aparentemente idêntico, já não é repetição, nem sequer o mesmo mas que certamente desenha um largo e elíptico *loop*, ainda que de angulação incerta, descentrada, indefinível. Ou para manter a metáfora das nebulosas realizando um movimento comparável ao de grandes conjuntos de nuvens que iguais e jamais as mesmas, podem de tempos em tempos se juntar para formar, a cada vez, a mesma e sempre outra tempestade.

Do tema da provisoriedade de *Estética da ginga* publicado em 2001 ao tema da errância, neste seu último livro, o que vem se acumulando no trabalho da autora é este seu interesse por uma noção de tempo que se declina em permanência em um eterno presente. Uma ideia de tempo, que é quase biológica e vital – como uma pulsação – forte e etérea. Daí, como o intui a autora, sua duração se confunde com sua própria intermitência, com seu latejamento, com a revelação cintilante e fugaz de sua própria efemeridade. O tempo parece ser, assim, esse terceiro nó de questões que vem interessando a autora.

Aqui, talvez mais que uma reflexão filosófica e teoricamente coerente o que define e singulariza os passos e o acumular-se de obras da autora, tornando-os potente em sua fragilidade intrínseca, seja um violento sentimento de perplexidade diante da revelação dessa herança paradoxal que a cidade é capaz de encerrar de memórias, histórias e desejo.

É essa experiência – própria do campo intelectual e da arte, mas sobretudo, que é a vertigem da própria vida – que parece exigir o desassossego público, constante e cortante, da autora. Em seus livros ela incorpora uma ancestralidade que esta aí – presente – de forma intransitiva, insistindo em desafiar a passividade sob a qual se busca escondê-la e se esconder.

Talvez não seja um acaso lembrar-se dos versos de Fernando Pessoa – como de certo modo nos vêm a memória – para buscar a aporia de cartografar os gestos e atitudes que a escrita de um livro é, e que não tem mapa ou atlas que dêem conta. É também isso o que a própria autora faz com tantos outros – direta ou indiretamente – nesse seu *Elogio aos errantes*. Só os que se deram intensa e inteiramente ao que não tem função, utilidade ou até razão de ser e são – porque o são em ato – possam trazer algum abrigo para uma forma de vida cidadina cujos nexos e laços são cada vez mas difíceis seja de atar ou de desatar.

Ora, pensar o presente; o presente e a história e memória comuns; pensar o tempo e as obras dos homens não parece estranho a alguém com formação em arquitetura – o tempo e a dimensão coletiva sendo a própria matéria de toda arquitetura, a prática mais próxima da meditação poética sobre naturezas mortas e sobre a evanescência de todo gesto. Tão pouco parece estranho aos que se dedicam ao urbanismo – os quais, diante da ameaça agônica que paira sobre o conjunto de ruínas que são as cidades – se dão como ofício, para o bem e para o mal, justamente velar pelo “sopro de vida” que as atravessam. Contudo, o que significa essa atenção à fugacidade e à impermanência quando praticada por uma autora que parece, por outro lado, deliberadamente denegar a historicidade dos seus objetos de estudo – sejam eles homens, cidades, suas narrativas ou experiências?

Talvez suas reservas – como quando em defesa da errantologia proposta neste seu último livro declara com Deleuze e Guattari nos anos 1980: *nunca a história compreendeu o nomadismo* – se justifiquem diante da forma como a escrita da história continua sendo praticada por muitos, sobretudo no interior das escolas de arquitetura e urbanismo. Entretanto, suas próprias provocações ganhariam em potência se a autora em tantas páginas ajudasse a desfazer o nó que insiste em confundir história e historiografias, tornando uma um passado “morto” e uma soma erudita e a segunda, uma prática “inocente”, levando por outro lado em conta as contribuições teóricas que se acumularam justamente a partir de meados dos anos 1980, graças às contribuições de tantos autores e inclusive às de Deleuze e Guattari, renovando as práticas historiográficas desde então.

Aqui, *Elogio aos errantes* convida a que na errância de suas páginas o leitor se detenha substancialmente mais naquelas que são um convite ao jogo e ao aprendizado da liberdade, do que naquelas que buscam a aplicabilidade de um método. Por outro lado, convida a que se esqueça rapidamente os momentos em que a escrita automática da autora se distrai, para fixar-se, somente, na generosidade de sua própria exposição pública e do que a arrebatava e também, certamente, o arrebatará.

Berenstein Jacques com a arte de dar títulos dividiu com lucidez – esse raio, trovão e tempestade que atinge com sua centelha alguns – este seu elogio em três partes ou três momentos no quais *flanâncias*, *deambulações* e *derivas* mobilizaram intelectuais, artistas e escritores na busca de *passagens* e *travessias* em seus embates sobre o que lembrar e esquecer no movimento inexorável de obsolescência que é a própria vida.

Talvez por se deter em autores e textos de menor circulação ou por resultar de uma intensa

frequentação da autora com suas reflexões – iniciadas em outros livros – as páginas de *deambulações* e *derivas* são aquelas que com mais força atingem o objetivo, não de transmissão, mas de compartilhamento. Talvez, os recortes magistrais de tantos fragmentos que Paola Berenstein Jacques realiza aí, também advenham de que nas décadas tratadas, os anos 1920-30, em um caso e, sobretudo, 1960 – no outro, a força da experiência da diferença e de trânsito e transe se dê cada vez mais claramente em relação às grandes cidades do que nas travessias de mares, florestas ou desertos. O que é verdade, sobretudo, para os escritores brasileiros que vão sendo colocados lado a lado dos seus companheiros de andanças urbanas, reatualizando agora, e em novas bases, esse ir e vir secular que atravessa o país e os seus habitantes como cultura.

Mesmo que esse não seja o foco da autora, certamente, Hélio Oiticica, Lina Bo ou um Flávio de Carvalho, um Oswald e um Mario de Andrade não ignoram as lições de um nomadismo fundante, construídos em temporalidades longas com seus Edens perdidos, contraposto à sonolência quase morta de suas cidades-mortas e que agora passava a ser ativado na experiência da grande cidade: Rio, São Paulo, Salvador...

No Brasil dos anos 1930, mas, sobretudo, nos anos 1950-60 aqueles que viviam no interior profundo de seus planaltos sem montanhas ou à beira de seus vastos rios caudalosos, em cidades grandiosas como espaços de vida coletiva malgrado o insignificante número de seus habitantes – já olhavam com temor e desconfiança os chamados *andarilhos* que apareciam, de vez em quando, aqui e ali.

Naquela altura o país já havia esquecido o nomadismo de seus índios, suas entradas e bandeiras, suas cidades efêmeras e mutantes e o automóvel guiava agora os novos modos

de deslocamento. O corpo tornava-se um pouco menos poroso às marcas das paisagens naturais e a memória da terra incrustada na carne dos antigos, passava a inspirar distância e temor. E mesmo a viagem – forma mais recente de deslocamento, que lhe seguiu passava a ser nem aventura nem descoberta, mas algo mais ou menos programado banal, no sentido, de “naturalizado” do termo.

Elogio aos errantes se concluí – como livro – com um epílogo onde com o auxílio de De Certeau, Milton Santos e Ana Clara Torres Ribeiro, entre outros, a autora mais uma vez e de outro modo, demarca três estados próprios aos praticantes deste seu tratado de errantologia – a *desorientação*, a *lentidão* e a *incorporação*. Este último como que em uma homenagem às muitas intuições que a socióloga pode compartilhar com a autora e seu grupo de estudos – e que seguramente fazem já tanta falta. Berenstein Jacques se concentra aqui nestes três estados que com outras palavras e dispositivos, gerações e gerações de intelectuais e artistas insistem em rememorar para com eles instalar a revelação da memória, da transgressão e do desejo entre o que já é obsoleto e o que ainda não é. Ou em outras palavras, para entre resíduos e fraturas – construídas, humanas, sociais – repotencializar os desejos e as expectativas que alimentam a própria vida coletiva e que foram vislumbradas em tantas formas de vagar – banais ou extraordinárias – mas em todo caso, comuns.

Em resumo, *Elogio aos errantes*, parodiando Oitica – que ilumina tantas de suas páginas – é um livro que não é livro, é um conglomerado. 